

# A Teoria do Afeto em Wallon e sua Contribuição na Significação das Relações Educativas no Ambiente Hospitalar



Hellen Cunha Cunico<sup>1</sup>; Humberto Silvano Herrera Contreras<sup>2</sup>  
<sup>1</sup> Faculdade Padre João Bagozzi; <sup>2</sup> Faculdade Padre João Bagozzi.

## RESUMO

A afetividade acompanha o ser humano durante toda a vida e desempenha um papel fundamental nas relações sociais e em seu desenvolvimento. Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar a teoria do afeto em Wallon e sua contribuição na significação das relações educativas no ambiente hospitalar. A problemática do artigo se resume na seguinte questão: Como a compreensão da teoria do afeto em Wallon contribui na significação das relações educativas e no fortalecimento da subjetividade e da autoestima da criança no ambiente hospitalar? O objetivo proposto é de abordar a teoria do afeto expresso pela emoção, sentimento e paixão no âmbito hospitalar, buscando assim compreender como isso pode contribuir nas relações educativas neste âmbito, trabalhando com o processo de subjetividade e autoestima da criança. Essa ação se dá de forma recíproca e social, e fundamenta-se no fato de que as interações são necessárias para alcançar-se um patamar superior de pensamento, cognição e afetividade, além de levar às mudanças em seu desenvolvimento. A criança quando hospitalizada se envolve não apenas com o aspecto cognitivo, mas também o afetivo. Essa relação transmite confiança, pois quanto mais significativa for a relação que estabelecemos com o próximo mais motivação teremos para a troca de aprendizagens.

*Palavras chave:* Afeto, hospitalismo, autoestima.

## ABSTRACT

Affectivity accompanies the human being throughout life and plays a fundamental role in social relations and their development. Thus, this article aims to analyze the theory of affect in Wallon and its contribution to the significance of educational relations in the hospital environment. The problem of the article is summarized in the following question: How does the understanding of the theory of affection in Wallon contribute in the signification of the educational relations and in the strengthening of the subjectivity and the self-esteem of the child in the hospital environment? The purpose of this study is to approach the theory of affection expressed by emotion, feeling and passion in the hospital, trying to understand how this can contribute in the educational relations in this scope, working with the process of subjectivity and self-esteem of the child. This action takes place in a reciprocal and social way, and is based on the fact that the interactions are necessary to reach a higher level of thought, cognition and affectivity, besides leading to changes in their development. The child when hospitalized is involved not only with the cognitive aspect, but also the affective aspect. This relationship conveys confidence, because the more significant the relationship we establish with the next, the more motivation we will have for the exchange of learning.

*Key Words:* Affection, hospitalism, self-esteem.

## 1. INTRODUÇÃO

O artigo estuda a teoria do afeto de Henri Wallon e sua contribuição na significação das relações educativas no ambiente hospitalar. Aborda a teoria walloniana do afeto expresso pela emoção, sentimento e paixão no âmbito hospitalar, buscando responder a seguinte problemática: como a teoria do afeto em Wallon contribui na significação das relações educativas e no fortalecimento da subjetividade e da autoestima da criança no ambiente hospitalar?

Entende-se significação como uma relevância na qual busca mostrar o interesse/necessidade da criança em conhecer o outro em qualquer espaço ou tempo, assim conseguindo criar um significado para a sua existência e, compreender assim, o papel das relações educativas propostas no ambiente hospitalar, além da continuidade dos estudos, que elas sejam fortalecedoras da identidade da criança hospitalizada.

O artigo está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, investiga-se a teoria do afeto em Wallon nas suas obras: A evolução psicológica da criança (1941) e As origens do pensamento na criança (1934) e de estudiosos da área pedagógico-hospitalar que relacionam a sua teoria na atenção à criança hospitalizada.

O segundo capítulo descreve as implicações da situação de hospitalização da criança no que se refere à sua subjetividade e autoestima. Analisa como processo educacional interligado com a regulação emocional, ou seja, a habilidade fundamental para a interação social, influenciando o comportamento e a expressão emocional, subjetividade e autoestima, podem representar uma habilidade fundamental para a interação social. A partir disso, busca entender as influências no comportamento e a expressão emocional, auxiliando na construção de situações de conhecimento, que contribuam para uma nova compreensão sobre, como as ações e atitudes afetam no desenvolvimento da criança.

O terceiro capítulo descreve, a partir da teoria do afeto de Wallon, as possibilidades de fortalecimento da subjetividade e autoestima da criança no ambiente hospitalar.

E, o último capítulo, analisa a contribuição da teoria walloniana, para as relações educativo-hospitalares, especificamente em como a afetividade influencia a aprendizagem e de como direciona o interesse da criança para o conhecimento do mundo ao seu redor.

Esses objetivos têm como propósito, não somente investigar a teoria walloniana sobre a afetividade, mas também estudar o papel da pedagogia no espaço hospitalar, principalmente, na compreensão da situação de hospitalização da criança, a sua expressão emotiva e comportamental.

## 2. A TEORIA DO AFETO EM HENRI WALLON

Esse capítulo apresenta-se, a partir do estudo das obras de Wallon<sup>3</sup>, *A evolução psicológica da criança* (1941) e *As origens do pensamento na criança* (1934) e de estudiosos da área pedagógico-hospitalar, sobre a concepção de afetividade, especificamente a teoria do afeto, através da conceituação diferencial sobre os pilares da emoção, sentimento e paixão no ambiente hospitalar.

A afetividade tem um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo. No seu sentido etimológico, o termo “afeto” vem do substantivo latino, *affectus, us*, que significa "estado psíquico ou moral (bom ou mau), afeição, disposição de alma, estado físico, sentimento, vontade" (HOUAISS, 2001).

A palavra afeto, no sentido nominal, define-se como a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo (BEZERRA, 2006).

Almeida (2001) retrata que o ser humano tem sua origem no nível afetivo, em que a emoção é predominante, e se completa na inteligência. A primeira forma de afetividade do indivíduo está nas emoções, cujo objetivo é de unir os seres humanos entre si, para reações orgânicas e íntimas de forma global e indiferenciada. A função emocional é a função psíquica mais precoce em seu sentido, a afetividade é anterior a inteligência. A formação da personalidade se inicia na afetividade e se completa e amadurece na tomada de consciência de si e dos outros níveis de realidade. A importância da função afetiva está no fato de que permite o desenvolvimento de uma instância de compreensão da realidade, ultrapassando a emoção e antecedendo a atividade intelectual que tem como tarefa analisar, conhecer e explicar.

Wallon (1934) afirma que o afeto é como um domínio funcional, ou seja, todos os indivíduos possuem-na, e o seu desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Sobre estes fatores, Wallon (1934, p. 288) explica:

Entre esses dois fatores existe uma relação estreita tanto que as condições medíocres de um podem ser superadas pelas

---

<sup>3</sup> Henri Paul Hyacinthe Wallon, médico, psicólogo, político, marquixista e filósofo nasceu na França em 1879. Teve uma vida movida a diversos trabalhos que contribuíram para seu estudo com crianças deficientes. Na guerra da revolução socialista em 1914, atuou como médico, teve contato direto com lesões cerebrais de ex-combatentes, com isso, conseguiu revisar as posições neurológicas que contribuiriam para seus estudos. A partir dos anos de 1931 atuou como médico de algumas instituições psiquiátricas, desenvolvendo o seu interesse pela psicologia da criança. Por toda sua vida, realizou pesquisas à crianças deficientes, desenvolvendo estudos para conhecer a infância e os caminhos da inteligência da mesma (CAIXETA, 2007). Em 1948, lançou a revista *Enfance*, que serviria de plataforma de novas idéias no mundo da educação, e que rapidamente se transformou numa espécie de “bíblia” para pesquisadores e professores. Faleceu em 1962.

condições mais favoráveis do outro. Essa relação recíproca impede qualquer tipo de determinismo no desenvolvimento, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está presente.

Na perspectiva walloniana, afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo seu mundo interno ou externo, ligados a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. É um domínio funcional, amplo, diferente de emoção, paixão e sentimento. Wallon (1934, p. 288) afirma:

No próprio domínio da afetividade as transformações constituem o resultado desse conflito, e se possível a existência de teorias intelectuais das emoções, ela é graças à preponderância adquirida pelos motivos e imagens intelectuais no domínio dos sentimentos e das paixões. O seu erro consiste em não ter nele notado a submissão simultânea do aparelho verdadeiramente emocional, de ter assemelhado emoção, sentimento e paixão quando de uma aos outros se opera uma transferência funcional, que, na criança, depende da idade.

De acordo com o autor, quando a criança nasce, algumas manifestações demonstram a evolução desse ser e, a partir dessa trajetória, pode-se verificar o progresso afetivo e a diversidade das emoções apresentadas pelas circunstâncias que uniram seu núcleo inicial as reações variáveis.

A teoria walloniana aponta três formas de expressão, que muitas vezes, podem ser confundidas, mas que são divergentes, entre elas:

- a) a emoção, que constitui o predomínio da ativação fisiológica;
- b) o sentimento manifestado através da expressão corporal é determinado na evolução mental, e corresponde à expressão representacional (observar, refletir antes de agir, saber como e quando se expressar); e
- c) a paixão que revela o aparecimento do autocontrole para dominar uma determinada situação.

Com base nestas três formas de expressão, Wallon (1934, p.34) destaca que:

As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes, que, para cada uma, correspondem a uma determinada espécie de situação. Atitudes e situação correspondentes implicam-se mutuamente, constituindo uma maneira global de reagir, de tipo arcaico e freqüência na criança. Opera-se, então entre as disposições psíquicas, todas orientadas no mesmo sentido, e os

incidentes exteriores, uma totalização indivisa, de onde resulta que, muitas vezes, é a emoção que imprime ao real o seu tom.

Dessa forma, Wallon abre um leque nas definições sobre a afetividade, traça algumas perspectivas para desmembrar esse conceito, permitindo assim uma compreensão de limites nela existente. Tais perspectivas permitirão, a partir da teoria do afeto, conseguir identificar como o processo de personalidade se manifesta na pessoa a partir da afetividade e, qual a relevância dela no processo de aprendizagem da criança e, as formas de expressões de sentimentos, paixão e emoção, o que constitui cada uma e como ela se manifesta.

### **3. AS IMPLICAÇÕES DA SITUAÇÃO DE HOSPITALIZAÇÃO DA CRIANÇA NO QUE SE REFERE À SUA SUBJETIVIDADE E AUTOESTIMA**

Com base nessa análise, discutem-se as influências no comportamento e a expressão emocional, nas ações e atitudes, que implicam no desenvolvimento da criança, com a intenção de identificar qual o suporte psicológico que esta criança deve receber para resignificar esse impacto no ambiente hospitalar.

O processo de hospitalização, no qual a criança fica retida do seu cotidiano, causa uma desordem nos fatores emocionais e psicológicos, pois cada indivíduo tem uma reação diferente, expressa seus sentimentos e sensações: ora de doença ou saúde, de medo, tensão, angústia ou então de alívio, cura ou consolo, sendo necessário que a criança seja devidamente orientada do seu processo. (ALTAMIRA,2010).

É comum nos ambientes hospitalares presenciarmos casos de pacientes que são denominados unicamente pelo do leito x, doente tal, visto como número, uma máquina, não como uma pessoa que está em tratamento. Essa atitude desconsidera a subjetividade e a autoestima, fragilizando o estado de saúde, agravando o seu estado orgânico afetivo (FERRO, 2007). Nesse sentido, entende-se que, os estados psicológicos e afetivos contribuem de alguma forma, para um aceleração ou melhoria da doença e da dor. Sobre isso, Sadala e Antônio (2005, p. 26) afirmam que:

A hospitalização em muitos momentos pode se tornar um mal necessário quando se apresenta como o único recurso para a recuperação da saúde. A internação além de estar sempre associada à dor, ao sofrimento e a morte, afasta a pessoa de seus familiares e de sua relação com a vida. Diante disto entende-se por doença a desarmonia orgânica e psíquica, que, através de sua manifestação, quebra a dinâmica de desenvolvimento do indivíduo como um ser global, gerando desarmonização da pessoa.

Daí a necessidade de assegurar à criança uma boa recuperação em meio à inquietação oriunda da preocupação sobre o tratamento recomendado e o tempo de hospitalização. É preciso um novo olhar onde o paciente não seja visto de forma fragmentada, negando sua subjetividade, mas ter sensibilidade para conhecer melhor a realidade do paciente, ouvir suas queixas e encontrar, junto com ele, estratégias que facilitem a aceitação e a compreensão da doença. Esse contexto humanizador irá contribuir para um bem estar físico, cognitivo, afetivo e social.

Enxergar e acreditar na criança enferma, assim como em qualquer criança, é um primeiro passo para compreendê-la, respeitá-la, auxiliá-la, em seu processo de desenvolvimento, porque a criança não sabe se não viver sua infância, conhece - lá pertence ao adulto. (WALLON, 1941, p. 11).

Alguns autores, como Baptista e Dias (2003), defendem a ideia de que cada indivíduo responde ao processo de hospitalização de uma determinada maneira, ocorrendo, em alguns casos, o processo de despersonalização, no qual a criança se vê implicada na perda dos referenciais ao nível de existência, ou seja, quando ela passa por esse processo de hospitalização, deixando de seguir seus hábitos rotineiros e, adquirindo regras do ambiente, que agora pertence, essa percepção será capaz de estruturar para a nova realidade que ali está presente, implicando de certa forma no seu processo cognitivo, afetivo e emocional.

Ao ser hospitalizada a criança conhece novas pessoas que irão interagir com ela de formas diversas, entre eles: médicos, enfermeiras, família, educadores hospitalares, contadores de histórias, que poderão desencadear um novo sentimento, influenciando na interação social com o meio e, com a sua subjetividade e autoestima.

O processo educacional tem uma relevância significativa no aspecto da aprendizagem da criança nesse novo ambiente e, tem o papel, também, de resgatar a autoestima da criança e intensificar a subjetividade da mesma, abrindo espaço para que ela seja fortalecida através da interação dessa criança com outras crianças hospitalizadas, havendo aí trocas de experiências.

Souza e Sena (2007) definem que o indivíduo não está isolado por estar hospitalizado, ele se constrói e se reconstrói a partir da interação com o outro, afetando no desenvolvimento psicológico do indivíduo, aprende e se desenvolve. A educação tem o papel então de estimular o aprendizado, a construção de conhecer o que se passa com ele e com o meio, seus sentimentos se manifestam, fortalecendo assim a autoestima dessa criança.

Neste processo é fundamental que ocorra a escuta pedagógica, um espaço onde a criança possa expressar seus sentimentos. Muitas vezes as crianças não são capazes de expressar, nem de reproduzir o que as faz temer, desenvolvendo angústias, manifestando um quadro de depressão, revolta ou desespero. Então a equipe interdisciplinar é responsável por estar atenta a estas questões, trazendo o sentimento de valorização da vida, amor próprio, autoestima, aceitação e segurança, é função do trabalho que se insere na esfera hospitalar (FONTES,2005).

A criança se sente insegura quando muda o seu espaço de rotina, tendo que receber um suporte psicopedagógico para resignificar esse impacto no ambiente hospitalar, sendo então fundamental a presença da família e, um espaço onde ela possa relembrar seus momentos de brincar, ou seja, a brinquedoteca, conforme a lei 11.104 de 21 de março de 2005, no qual dispõe sobre a obrigatoriedade desse espaço no ambiente hospitalar.

Sendo assim, ao considerar as implicações da situação de hospitalização da criança, afirma-se o processo de humanização nos hospitais, com o objetivo de criar uma nova cultura de relação dos profissionais com o paciente, na busca da valorização humana com a dimensão do cuidar, da autoestima e da subjetividade da criança neste ambiente.

#### **4. AS POSSIBILIDADES DE FORTALECIMENTO DA SUBJETIVIDADE E AUTOESTIMA DA CRIANÇA NO AMBIENTE HOSPITALAR A PARTIR DA TEORIA DO AFETO DE WALLON**

O ambiente hospitalar para a criança é visto como um espaço sombrio, de solidão e isolamento, onde há regras próprias. Os pacientes são distribuídos por unidades de acordo com o seu diagnóstico, são submetidos a normas rígidas e inflexíveis, tornando-se um espaço de dúvidas, medos e incertezas. Os sentimentos, emoções e sensações modificam-se de acordo com a realidade ali presente. De acordo com Favaroto e Gagliani (2008, p. 88),

Para criança, a entrada em um hospital é uma experiência assustadora e geradora de muita ansiedade, depara-se com uma situação desconhecida, em relação á espaço físico, a pessoas, muitas vezes enfrentando clima de desinformação que intensifica suas fantasias e temores. Durante a hospitalização a criança tem que enfrentar muitos aspectos penosos como separar-se do meio familiar, rotinas e normas pré-estabelecidas diferente das habituais, além do procedimento de claro valor aversivo, principalmente nos casos em que a criança é internada para procedimento cirúrgico.

Por identificar as mudanças comportamentais, sentimentais e psicológicas que a criança sofre nesse espaço, subentende-se que seja necessária uma ação de fortalecimento da subjetividade e da sua autoestima, com base na teoria walloniana.

Wallon (1941) retrata em sua teoria que todas as influências afetivas, emocionais e sentimentais rodeiam a criança desde o seu nascimento, determinante que influenciará na sua evolução mental, além de ela ser imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade e este, por sua vez, se constitui sob a alternância dos domínios funcionais.

Segundo o autor,

No próprio domínio da afetividade, as transformações constituem o resultado desse conflito, e, se é possível a existência de teorias intelectualistas das emoções, ela o é graças à preponderância adquirida pelos motivos e imagem intelectuais no domínio de sentimentos e das paixões. O seu erro consiste em não ter nele notado a submissão simultânea do aparelho verdadeiramente emocional, de ter assemelhado emoção e sentimento ou paixão quando de uma aos outros se opera uma transferência funcional, que, na criança depende da idade. Porém, os mais emotivos não se tornam necessariamente os mais sentimentais ou os mais apaixonados; muito longe disso. Trata-se evidentemente de tipos diferentes ligados a um diferente equilíbrio entre as atividades psíquicas (WALLON, 1941, p.139-140).

Como já apontado pelo autor, a afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento está relacionado aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo e, depende de dois fatores: orgânico e social. Inicialmente ela é determinada pelo setor orgânico e depois passa fortemente a ser influenciada pela ação do meio social. O fator orgânico está presente quando os motivos que provocam essa sensação de bem-estar e mal-estar estão ligados às sensibilidades interoceptivas<sup>4</sup>, propioceptivas<sup>5</sup> e exteroceptivas<sup>6</sup>, chamada afetividade orgânica (WALLON, 1941).

Quando os motivos que provocam os estados de bem e mal-estar já não são limitados às sensibilidades próprias, interior e exterior, mas já envolvem a sensibilidade do outro, passa a ser fortemente social chamada afetividade moral. Em todos os estágios definidos por Wallon, na teoria do desenvolvimento, identifica-se a presença de diversos

---

<sup>4</sup> Reúne os sinais dos órgãos internos, fazendo chegar ao cérebro às excitações que vêm das paredes das vísceras. Às sensações de fome, referentes aos movimentos da digestão e aos processos respiratórios, são fortemente sentidas pela criança, primordialmente voltada para os efeitos dessa sensação (MENDONÇA, 2000).

<sup>5</sup> Está relacionada ao movimento e ao equilíbrio do corpo no espaço. (MENDONÇA, 2000).

<sup>6</sup> Está relacionada ao conhecimento do mundo exterior. (MENDONÇA, 2000).



tipos de manifestações afetivas que são predominantes, em virtudes das necessidades e possibilidades maturacionais.

A emoção, sentimento e paixão são manifestações que devem ser distinguidas do conceito de afetividade, cada uma tem um papel fundamental que engloba nesse conceito. A emoção constitui-se em reações instantâneas, que se diferenciam em alegria, tristeza, medo e angústia. Revela-se como um elo entre o indivíduo e o ambiente físico, tanto quanto entre o indivíduo e outros indivíduos. A paixão e o sentimento são manifestações afetivas em que a representação se torna reguladora da atividade psíquica (WALLON, 1934).

A teoria walloniana ressalta sobre a importância das relações para a construção do ser humano, sendo o meio social uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo. Assim, identifica nas características sociais da criança, o como ela estabelece diferentes níveis de relações com a sociedade e, como ela interfere na construção do campo afetivo. Nos diferentes estágios definidos por Wallon, percebe-se que as relações sociais da criança são intensas e sua autonomia é conquistada nos conflitos que mantém com os outros, nos quais vai sendo despertado o sentimento e a paixão, manifestações afetivas que estão diretamente ligadas ao outro.

O fortalecimento da subjetividade e autoestima da criança, no ambiente hospitalar na perspectiva da teoria walloniana, deve se dar de uma maneira estreita, onde a criança é considerada um ser com experiência, com um vasto conhecimento e muitas vivências, onde ela possa ser respeitada e, que possa expandir essa bagagem de conhecimento que adquiriu e consiga enfrentar seus limites e medos, superando as dificuldades, que muitas vezes, estão ligadas com o emocional, gerando barreiras que não lhe permitem criar laços afetivos no ambiente hospitalar.

## **5. A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA WALLONIANA PARA AS RELAÇÕES EDUCATIVO-HOSPITALARES**

Ao questionar-se em como a afetividade influencia a aprendizagem e de como direciona o interesse da criança, para o conhecimento do mundo ao seu redor, ressalta-se que a afetividade se trata de um domínio funcional que todos os indivíduos possuem. Está ligada diretamente as suas funções orgânicas vitais, cujo desenvolvimento depende dos fatores orgânicos e sociais, e o conhecimento dos seus componentes requer ações cognitivas, da mesma forma que tais ações pressupõem a presença de aspectos afetivos.

A relação educativo-hospitalar fundamenta-se a partir da palavra chave, relacionar-se, pertencer a um grupo social, ou seja, o ato afetivo, para que seja concreto,

é necessário que o sujeito seja afetado por outro. A ação afetiva se dá de forma recíproca e social, e fundamenta-se em que as interações são necessárias para alcançar-se um patamar superior de pensamento, cognição e afetividade, além de levar às mudanças em seu desenvolvimento (ANGERAMI, 2003). Esse processo de relacionar-se, uns com os outros, dispõe de que todos são capazes de aprender uns com os outros. A criança no processo educativo-hospitalar se envolve não apenas com o aspecto cognitivo, mas também o afetivo, essa relação transmite confiança, pois quanto mais significativa for à relação que estabelecemos com o próximo, mais motivação teremos para trocar aprendizagens.

Wallon (1941, p.13) no que se refere ao processo interativo, salienta que:

A realização pela criança, do adulto que ela deve vir a ser não segue um traçado sem atalhos, bifurcações ou desvios. As orientações mestras a que normalmente obedece com frequência também são ocasião de incertezas, heranças e hesitações. Mas quantas outras ocasiões mais fortuitas também vem obrigá-la a escolher entre seu esforço ou a renúncia. Surgem do meio, meio das pessoas e meio das coisas, sua mãe, seus familiares, seus encontros habituais, ou insólitos, a escola, são todos contatos, relações e estruturas diversas, instituições pelas quais deve se esmaltar, quer queira, quer não na sociedade.

Os componentes-chaves da afetividade, que motivam o processo educativo-hospitalar, são as emoções vivenciadas e ali compartilhadas, ternura, paixão, carinho, simpatia, atenção, respeito e igualdade, fazendo delas então, um instrumento de sociabilidade cada vez mais especializados.

A afetividade no ambiente educativo-hospitalar entra como uma relação de cumplicidade, onde os dois lados (paciente e membros da equipe hospitalar) doam o melhor de si, onde as sensibilidades íntimas são transformadas em expressões afetivas, possibilitando as trocas entre a criança e o meio humano, a nova função integrada à atividade exploratória e subordinada à atividade intelectual (HUMANIZASUS, 2004).

Sendo assim, o processo da relação afetiva se dá através de algumas relações que contribuem de certa maneira para a significação das relações educativas no ambiente hospitalar.

A modo de síntese apresenta-se a seguir alguns apontamentos que contribuem na significação das relações educativo-pedagógicas no espaço hospitalar:

- O **processo de hospitalização** não implica necessariamente qualquer limitação à aprendizagem escolar, portanto, foi criada a classe hospitalar, responsável pelo desenvolvimento do aluno e posteriormente na sua volta à escola. A classe hospitalar apoia-se em propostas educativo-escolares e não em educação lúdica,

não torna essa educação formal, mas com responsabilidades de aprendizagens formais. (BRASIL/MEC, 2002; CECCIM, 1999);

- **O papel da escuta pedagógica** é dar liberdade ao paciente/aluno em expressar seus sentimentos, organizar suas ideias a partir da linguagem e a possibilidade de troca de informações, onde o diálogo contínuo e afetuoso, as demandas cognitivas, físicas e sociais possibilitam a consolidação da subjetividade (FONTES, 2001);
- **A família no ambiente hospitalar** é responsável, principalmente, por proporcionar companhia e oferecer um suporte emocional a essa criança.

Os autores acreditam, ainda, que os profissionais de saúde percebem que o vínculo familiar seria um ponto primordial para a melhora emocional da criança, pois a família ao estar próxima, principalmente a mãe, pode fazer com que a mesma se sinta mais perto do seu convívio diário. Porém, a família, como passa a maior parte do tempo no hospital, geralmente apresenta sentimentos parecidos com o que a criança sente, precisando do apoio da equipe de saúde. Ressalta-se que a mudança repentina do ambiente doméstico para um ambiente hospitalar pode gerar um desequilíbrio emocional, tanto no paciente quanto na família/cuidadores e, esses passarão a precisar de uma atenção a mais da equipe de saúde (MOLINA, *et al*, 2007);

- Para que esse acompanhamento ocorra de forma efetiva, quando a criança é internada é preciso realizar uma abordagem junto ao paciente e acompanhante, para colher dados referentes à escolarização da criança (se está inserido no sistema público ou privado de ensino; o ano que esta cursando, se ocorreu repetência e/ou evasão; se esta em idade escolar, mas não esta inserida na escola e as causas). Depois se entra em contato com a escola de origem da criança no sentido de comunicar a internação, caso a família não o tenha feito, bem como solicitar a relação dos conteúdos que estão sendo aplicados à classe na qual a criança está inserida, além do material didático utilizado pela escola, os que pode ser feito via relatório enviado através da família, por contato telefônico ou ainda através de vista à escola. Caso este contato com a escola seja inviável, realiza-se uma avaliação pedagógica junto à criança no sentido de sondar que conteúdos, referentes a serie que esta cursando, a criança domina ou não, e se a mesma apresenta dificuldades específicas de conteúdos para que desta forma seja montado o programa de acompanhamento da sua escolarização ficada nas dificuldades apresentadas (FONSECA, 2001);

- **O programa nacional de humanização** tem o propósito de oferecer uma melhor qualidade de atendimento à saúde do usuário e de melhores condições de trabalho para os profissionais e desenvolver o trabalho em equipe na construção coletiva, a fim de proporcionar um respeito mútuo pela criança ali hospitalizada, exercendo o papel fundamental de entender e respeitar a história daquele indivíduo, a fim de contribuir com sua aprendizagem formal. (HUMANIZASUS, 2004).

Os aspectos citados a cima, demonstram que estão relacionados de forma direta na teoria do afeto em Wallon, o que denota à importância do pensamento walloniano na significação das relações educativo-hospitalares, pois todas incubem a importância da relação criança com o meio.

## **6. CONCLUSÃO**

A proposta do artigo consistiu em estudar a teoria do afeto de Henri Wallon e sua contribuição na significação das relações educativas no ambiente hospitalar, com o intuito de identificar como a emoção, o sentimento e a paixão podem auxiliar no fortalecimento da subjetividade e autoestima da criança hospitalizada.

A partir da teoria do afeto, conseguiu-se identificar como o processo de personalidade se manifesta na pessoa a partir da afetividade e, qual a relevância dela no processo de aprendizagem da criança e as formas de expressões sentimento, paixão e emoção, o que constitui cada uma e como ela se manifesta.

O processo de hospitalização apresenta algumas interferências no estado psicológico da criança afetando diretamente a sua subjetividade e autoestima. A partir desse intuito identificou-se qual a importância da escuta pedagógica, o relacionamento com o outro e o processo de humanização para amenizar essa situação, além do papel fundamental do processo educacional presente no hospital.

Também, a partir dos estudos da teoria walloniana, identificou-se algumas possibilidades de fortalecimento da subjetividade e autoestima da criança no ambiente hospitalar. Entende-se que afetividade é um domínio funcional cujo desenvolvimento está relacionado aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo. A teoria aponta também a importância fundamental da relação com o meio social, uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo e, assim identifica as características sociais da criança, o como ela estabelece diferentes níveis de relações com a sociedade e como ela interfere na construção do campo afetivo.

O fortalecimento da subjetividade e autoestima da criança inicia pela escuta pedagógica, onde ela pode expressar-se, pode demonstrar seus medos, seus conhecimentos, onde possa expandir essa bagagem de conhecimento que traz consigo e, consiga enfrentar seus limites decorrentes da situação de hospitalização que vivencia.

Wallon contribui com sua teoria nas relações educativo-hospitalares, ao refletir sobre o envolver-se com o outro, com a sociedade, onde o indivíduo está em constante aprendizado e, que a criança quando hospitalizada se envolve não apenas com o aspecto cognitivo, mas também o afetivo. Essa relação transmite confiança, pois quanto mais significativa for à relação que estabelecemos com o próximo mais motivação teremos para trocar aprendizagens.

Ao pretender responder ao problema de: Como a teoria do afeto em Wallon contribui na significação das relações educativas e no fortalecimento da subjetividade e da autoestima da criança no ambiente hospitalar? A pesquisa conclui que a concepção de afeto em Wallon, por estar fundamentada no ato relacional e de pertencimento a um grupo social, isto é, ser afetado por outro sujeito, aprender com outro indivíduo, orienta as relações educativo-hospitalares. Essa ação se dá de forma recíproca e social, e fundamenta-se no fato de que as interações são necessárias para alcançar-se um patamar superior de pensamento, cognição e afetividade, além de levar às mudanças em seu desenvolvimento. A criança quando hospitalizada se envolve não apenas com o aspecto cognitivo, mas também o afetivo.

A partir da teoria walloniana identificaram-se algumas possibilidades de fortalecimento da subjetividade e autoestima da criança hospitalizada e, de que esse fortalecimento deve se dar de forma estreita, onde a criança é respeitada como ser humano, um ser com experiências e vivências. O respeito à situação da criança, aos seus limites e medos impostos pela hospitalização, demandam uma atenção e escuta afetiva, que lhe permitam enfrentar a situação da internação, continuar seus estudos e participar ativamente do processo de sua recuperação.

## 7. REFERÊNCIAS

ALFANDÉRY, H. G. **Henri Wallon**. Recife: Massangana, 2010.

ANGERAMI, Valdemar Augusto *et al.* **E a Psicologia Entrou no Hospital**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/356/584>>. Acesso em 16/07/2015.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Afetividade e processo de ensino aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141469752005000100002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141469752005000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em 20/06/2015.

ALTAMIRA, L. L. . **A criança hospitalizada:** Um estudo sobre a atuação do psicólogo hospitalar. PUC. Arcos. MG. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-crianca-hospitalizada-um-estudo-sobre-a-atuacao-do-psicologo-hospitalar/56348/>>. Acesso em: 20/06/2015.

BAPTISTA, A. S. D., BAPTISTA, M. N. & DIAS, R. R. (2003). **Enfermaria de Pediatria:** avaliação e intervenção psicológica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. Acesso em: 12/05/2015.

BEZERRA, Ricardo José de Lima. **Afetividade como condição para a aprendizagem:** Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/redis/article/view/1219>> Acesso em 13/05/2015.

BRASIL. CADERNO CEDES. EDUCAÇÃO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA, VOL.27 N.73 P.249-368 SET/DEZ 2007.

\_\_\_\_\_. Ministério Da Saúde, **Gestão participativa e Cogestão.** Brasília. MS, 2009. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/gestao\\_participativa\\_cogestao.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/gestao_participativa_cogestao.pdf)>. Acesso em 18/06/2015.

\_\_\_\_\_. Ministério Da Saúde. **Humaniza(sus).** Brasília,MS,2004. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos\\_humanizaSUS.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf)>. Acesso em 17/07/2015.

CAIXETA, Marcelo. **A mente de Wallon.** Rio de Janeiro, Ciência Moderna Ltda. 2007.

CHALITA, Gabriel. **Educação a solução está no afeto.** São Paulo. Gente, 2001

CARMO, Andressa. **A importância do brincar no ambiente hospitalar:** da recreação ao instrumento terapêutico. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-hospitalar/a-importancia-do-brincar-no-ambiente-hospitalar-da-recreacao-ao-instrumento-terapeutico>>. Acesso em 21/04/2015.

CECCIM, Ricardo Burg. **Classe hospitalar:** encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?url=http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/84/classehospitalarceccimpatio.pdf&rct=j&frm=1&q=&esrc=s&sa=U&ved=0CBoQFjABahUKEwjlmazx2qnIAhWMGJAKHTrPA8g&usq=AFQjCNFnevYxMvC3NOh2BPdZZDIwvLyo2g>>. Acesso em 21/03/2015.

FAVARATO, M.E.C.S; GAGLIANI, M.L. Atuação do psicólogo em unidades infantis. In Romano, B.W. (org). **Manual de psicologia clínica para hospitais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-crianca-hospitalizada-um-estudo-sobre-a-atuacao-do-psicologo-hospitalar/56348/>>. Acesso em 13/06/2015.

FERRO, F.O. As emoções emergentes na hospitalização infantil. **Rev. Eletrônica de Psicologia**. Ano. 1. n. 1. 2007. Disponível em: <<http://www.pesquisapsicologica.pro.br/pub01/fabricya.htm>>. Acesso em: 12/06/2015.

FONTES, Rejane. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a10.pdf>>. Acesso em 20/06/2015.

FERREIRA, Aurino Lima; RÉGNIER, Nadja Maria Acioly. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a03n36.pdf>>. Acesso em 20/06/2015.

FONTES, Rejane de Souza, VASCONCELLOS, Vera Maria de Ramos. **O papel da educação no hospital: uma reflexão com base nos estudos de Wallon e Vigotsky**. Disponível em: <[http://www.academia.edu/12848959/O\\_papel\\_da\\_educa%C3%A7%C3%A3o\\_no\\_hospital\\_uma\\_reflex%C3%A3o\\_com\\_base\\_nos\\_estudos\\_de\\_Wallon\\_e\\_Vigotsky](http://www.academia.edu/12848959/O_papel_da_educa%C3%A7%C3%A3o_no_hospital_uma_reflex%C3%A3o_com_base_nos_estudos_de_Wallon_e_Vigotsky)>. Acesso em 16/04/2015.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar hospitalar: o trabalho pedagógico-educacional no ambiente hospitalar: a criança doente também estuda e aprende**. Rio de Janeiro: UERJ. Disponível em: <<http://www.facevv.edu.br/Revista/04/O%20ATENDIMENTO%20EDUCACIONAL%20NOS%20AMBIENTES%20HOSPITALARES%20-%20jussara%20passo.pdf>>. Acesso em: 17/06/2015.

AFETO. In: HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2001.

MENDONÇA, Monica Renata Dantas, SANTOS, Simone Silveira. **A influência da afetividade na construção do conhecimento**. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?url=http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%2520REGINA%2520BRUST.pdf&rct=j&frm=1&q=&esrc=s&sa=U&ved=0CCoQFjADahUKEwiZkuno3qnIAhWEGZAKHe8MBdU&usg=AFQjCNFN YG5YR8eA77sbuuyEWpnYrWyUGA>> Acesso em 21/06/2015.

MOLINA, Rosemeire Cristina Moretto. **Presença da família nas unidades de terapia intensiva e pediátrica e neonatal: visão da equipe multidisciplinar**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n3/v11n3a07>>. Acesso em: 21/06/2015.

OLIVEIRA, de Clésnia. **Afetividade nos dizeres dos professores: percepções e concepções acerca do tema.** Disponível em: <[http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/806-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/806-0.pdf)>. Acesso em 12/05/2015.

SADALA, M.L.A.; ANTONIO, A.L. de O. Interagindo com a criança hospitalizada: utilização de técnicas e medidas terapêuticas. **Rev. Latino-am. Enfermagem.** Ribeirão Preto-v.3, n.2, p.93-106. Acesso em 13/04/2015.

SILVA, Dener Luiz. **Do gesto ao símbolo:** a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n30/a10n30.pdf>>. Acesso em 27/06/2015.

SOUSA, Ana Cláudia Diniz, SENA, Clério Cezar Batista. **Psicopedagogia hospitalar:** o acompanhamento pedagógico melhorando a autoestima das crianças hospitalizadas. Disponível em: <<http://revistacientifica.censupeg.com.br/ojs/index.php/RevistaCientificaCENSUPEG/article/view/155>>. Acesso em 14/04/2015.

VALVERDE, Dayana Lima Dantas. **O suporte psicológico e a criança hospitalizada:** o impacto da hospitalização na criança e seus familiares. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0229.pdf>> Acesso em 25/06/2015.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1934.